
O SOFRIMENTO PSÍQUICO E O PRAZER NO TRABALHO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

IRAILDES MACÊDO DA SILVA [yra.iaene@botmail.com] E WILMA RAQUEL BARBOSA RIBEIRO [wrmima@botmail.com]

RESUMO

O presente artigo analisou o sofrimento psíquico e o prazer no trabalho de professores do Ensino Fundamental de Cachoeira-BA. O trabalho satisfatório determina prazer, alegria e, sobretudo, saúde, tratando-se de um investimento afetivo. Enquanto que o trabalho penoso, desprovido de significação, sem reconhecimento é uma fonte de ameaças à integridade física e ou psíquica. O problema desta pesquisa surge mediante essas implicações: Que elementos existentes no ambiente de trabalho estão relacionados às vivências de prazer e sofrimento do professor? O presente estudo buscou analisar os elementos existentes na organização e nas condições de trabalho que influenciam a saúde mental do professor das séries iniciais. Tratou-se de um estudo qualitativo, com base na teoria da Psicodinâmica do trabalho apresentada por Dejours (1999), do qual participaram oito professoras dos anos iniciais de escolas públicas de Cachoeira-BA. Para coleta de dados foram utilizadas entrevistas individuais com roteiro semi-estruturado. Para análise dos dados foi realizada a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). Foi possível identificar no cotidiano do trabalho das professoras, elementos que têm contribuído para o sofrimento, como: a indisciplina dos alunos, a carga excessiva de trabalho e a ausência dos pais na escola; assim como os sinais de adoecimento como, problemas de audição, problemas na voz, pressão alta e também doenças de herpes devido ao estresse. Os elementos identificados relacionados com o prazer no trabalho foram: reconhecimento pelos pais e alunos, os relacionamentos com os colegas, pais e alunos, como também a satisfação de ensinar algo a outros. Foi também verificada a realização de atividades extra-escolares como estratégia defensiva de enfrentamento.

PALAVRAS-CHAVE: Professor. Saúde. Trabalho.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho é algo fundamental para a sobrevivência de todo ser humano, pois é o mesmo que tem determinado o futuro digno de homens e mulheres. Segundo a Revista Brasileira de Saúde Ocupacional (1998, p.116), o trabalho possui um duplo caráter: por um lado é fonte de realização, satisfação e prazer, estruturando e conformando o processo de identidade dos sujeitos, por outro, seus elementos podem transformar-se em fatores patogênicos, tornando-o nocivo à saúde.

É de suma relevância que os profissionais que trabalham no ambiente escolar e especificamente os docentes gozem de plena saúde e bem estar, a fim de poderem desenvolver seu trabalho com prazer e satisfação, de maneira que haja melhor ensino e aprendizado. Na escola, o professor é o profissional que possui o papel de maior destaque, pois estabelece um vínculo mais direto com o aluno. Por isso, muitas vezes ele acaba sendo uma referência em muitos aspectos, inclusive nos comportamentos e práticas relacionadas à saúde. Para Lipp (2002), se o professor não estiver com uma boa saúde física e mental torna-se difícil desenvolver com satisfação ou eficiência seu trabalho, bem como transmitir algo positivo para os alunos.

Em determinados ambientes de trabalho existem elementos que podem levar o profissional ao sofrimento e até mesmo ao adoecimento. Isso acontece devido às tarefas que realizam nas condições em que estão inseridos. Canguilhem (1990, p.133) afirma que as doenças funcionais “são quase todas as perturbações de ritmo, devido às fadigas ou à estafa, isto é, a qualquer exercício que ultrapasse a justa adaptação das necessidades do indivíduo ao seu meio”. No cotidiano os horários são desrespeitados, horas de sono são perdidas, a alimentação é prejudicada e o tempo para o lazer é ignorado. O resultado é muito cansaço ou o que se pode chamar de estresse. Segundo Lipp (2007, p.15), quando o trabalho é desprovido de significação, não é reconhecido ou é uma fonte de ameaças à integridade física e ou psíquica, acaba por determinar sofrimento ao trabalhador.

É necessário lembrar que o trabalho é fundamental na vida das pessoas, pois é a fonte de garantia de subsistência e de posição social. Não obstante, quando o mesmo é feito e não é reconhecido ou não é feito com satisfação, este se torna um fardo, levando a sérias frustrações e até ao adoecimento físico e mental. Nosso problema de pesquisa surge mediante estas implicações: Que elementos existentes no ambiente de trabalho estão relacionados às vivências de prazer e sofrimento do professor?

O presente estudo buscou analisar os elementos existentes na organização e as condições de trabalho que influenciam a saúde mental do professor das séries iniciais. Especificamente, procurou identificar os elementos existentes na organização do trabalho e que influenciam nas vivências de prazer; investigar quais os elementos existentes no trabalho que levam ao sofrimento e ao adoecimento; além de analisar quais são as estratégias defensivas usadas pelos professores diante da realização do seu trabalho. Neste sentido, foi utilizada como aporte teórico a teoria da Psicodinâmica do Trabalho (DEJOURS, 1992; DEJOURS, ABDOUCHELI, 1994), que procura analisar dinamicamente as vivências subjetivas de prazer e sofrimento de trabalhadores na realização de sua atividade.

2 O TRABALHO DOCÊNCIA

A Organização Mundial da Saúde – OMS – define o termo saúde como: “um estado de completo bem estar físico, mental, social e não apenas a ausência de doenças”. Segundo Vasconcellos (1996), a saúde é tida como um direito fundamental e essencial para o desenvolvimento social econômico. De acordo com a Revista Brasileira de Saúde Ocupacional (1998), para se inserir no mercado de trabalho, seja qual for a profissão, é importante que o indivíduo esteja em perfeito estado de satisfação física e mental para desenvolver sua atividade laboral de forma agradável e produtiva.

Na perspectiva de Lipp (2007), o trabalho satisfatório, determina prazer, alegria e, sobretudo saúde, tratando-se de um investimento afetivo. Podemos perceber que o trabalho faz parte da vida do homem, mas tem que ser feito de maneira que o mesmo sinta prazer. Caso contrário, doenças tanto físicas como mentais podem advir. Quando se trata da inserção no trabalho em instituições escolares não é diferente.

Até a década de setenta, o professor tinha certo prestígio social, mas com as transformações ocorridas na sociedade, perdeu o seu reconhecimento, e apenas estendeu sua atuação profissional. Além de ensinar, deve participar da gestão e dos planejamentos escolares, o que exige um envolvimento maior do professor que se amplia a uma atuação junto às famílias e junto à comunidade. (GASPARINI, BARRETO, ASSUNÇÃO, 2005).

Diversas são as situações de trabalho que podem desencadear ansiedade e, por consequência, sofrimento nos professores.

A insatisfação e a falta de perspectiva de crescimento desestimulam os professores que passam a ver escola e suas atividades como um fardo pesado e sem gratificação pessoal minando suas forças internas motivacionais no dia-dia. O resultado é queda no desempenho, frustração, alteração de humor e consequências físicas e mentais. (LIPP, 2006, p.16).

Segundo Nóvoa (1999, apud OLIVEIRA 2009, p.43) a falta de condições de trabalho muitas vezes dificulta a execução de práticas educativas inovadoras. Os professores são fortemente influenciados pelo contexto em que trabalham: horários, normas internas, regulamentos, organização do tempo e do espaço, etc. Camargo e Neves (2002, apud OLIVEIRA, 2009) ressalta que nos dias atuais a maioria das doenças é “influenciada por uma combinação de fatores biológicos, físico, psicológico como pensamentos, sentimentos afetivos, e sociais (relacionamentos)”. Estes interferem nos processos mentais e, em consequência disso, na saúde mental do indivíduo.

3 A PSICODINÂMICA DO TRABALHO

A Psicodinâmica do Trabalho apresenta-se hoje, na cena acadêmica, como um modelo teórico preocupado com os processos dinâmicos e complexos que ocorrem no nível mental dos trabalhadores quando estes se deparam com as demandas das situações e organização do trabalho. Até o início dos anos 1990 ela era denominada Psicopatologia do Trabalho, até esta adquirir novo enfoque.

Segundo Clot (1995 apud Dejours, 1999), o conceito de Psicopatologia do Trabalho era muito estreito para englobar fenômenos que não se reduzissem às manifestações mórbidas. Ou seja, não poderia apreender, além da morbidez, a própria dinâmica interna das situações que talvez solicitassem a observação, por exemplo, do prazer no trabalho.

Já no final da década de 70, as investigações no campo da Psicopatologia do Trabalho passaram a se interessar pelas consequências mentais provocadas pelo trabalho, apesar da ausência de identificação de patologias mentais específicas relacionadas ao trabalho. Segundo Dejours (1999), ao invés de se detectar as doenças mentais no trabalho, registrou-se que, em sua maioria, os trabalhadores permaneciam na normalidade. Surge, então, uma questão que serviu de base para um salto qualitativo nos estudos da área: “Como fazem os trabalhadores para não ficarem doentes frente a situações de

trabalho deletérias?”. Neste contexto é que surge a Psicodinâmica do trabalho.

O sofrimento pode desembocar em lógica tanto defensiva (sofrimento patogênico) como criativa, ou seja, prazer e sofrimento são entendidos como duas linhas que não se excluem, mas que também não se cruzam obrigatoriamente (DEJOURS, ABDOUCHELI, & JAYET, 1994).

Dejours e colaboradores (1994) distinguem dois tipos de sofrimento: o sofrimento criador e o sofrimento patogênico. Este último surge quando todas as possibilidades de transformação, aperfeiçoamento e gestão da forma de organizar o trabalho já foram tentadas, ou melhor, quando somente pressões fixas, rígidas repetitivas e frustrantes, configuram uma sensação generalizada de incapacidade. Já o sofrimento criativo segundo Dejours (1992) ocorre quando o indivíduo passa a elaborar soluções originais que favorecem ou restituem sua saúde. O sofrimento criativo chega a atribuir um sentido ao trabalho realizado, concedendo ao sujeito a possibilidade de construção de uma identidade.

O sofrimento que afeta aos trabalhadores é causado também pela falta de reconhecimento das tarefas desenvolvidas pelos mesmos em suas funções. Segundo Dejours (1999), o reconhecimento do trabalho realizado é importante para o prazer do trabalhador sendo que desse depende, o sentido do sofrimento. Logo, a forma possível de submeter esse sofrimento será dar sentido e reconhecimento ao trabalho. Neste contexto, o indivíduo se propõe a uma ação que promove descobertas, fazendo com que este experimente e transforme de maneira criativa sua atividade, criando soluções inéditas frente às situações em seu trabalho. Assim, o surgimento de estratégias defensivas alivia ou combate o sofrimento psíquico, transformando o mesmo em vivências de prazer.

Quando o sofrimento pode ser transformado em criatividade, ele traz uma contribuição que beneficia a identidade. Ele aumenta a resistência do sujeito ao risco de desestabilização psíquica e social. O trabalho funciona então como mediador para a saúde. (DEJOURS, ABDOUCHELLI, 1994, p.137).

Sendo assim, em meio ao sofrimento, o trabalhador é capaz de desenvolver estratégias defensivas, que “levam à modificação, transformação e, em geral, à eufemização da percepção que os trabalhadores têm da realidade que os faz sofrer”. (DEJOURS, 1999). Anna Freud (2010), classifica os mecanismos de defesa de um modo geral como uma distorção do ego para proteger a personalidade contra determinada ameaça.

A Psicodinâmica do Trabalho utiliza o conceito “mecanismos de defesa” sob o âmbito organizacional, onde o objeto de estudo são as formas de defesa do trabalhador contra o sofrimento laboral. Ao desenvolver suas atividades, o trabalhador usa estratégias de defesa diante de situações complexas e perigosa. Segundo Dejours:

Os trabalhadores elaboram defesas individuais e coletivas para lutar contra o sofrimento, de maneira que esse não é imediatamente localizável. Parte-se assim, da compreensão de que os homens não estão passivos em relação à organização do trabalho, mas são capazes de se proteger elaborando defesas que escondem ou evitam o sofrimento que os acomete. (1987, p.103).

Em alguns casos o sofrimento pode apresentar-se sob a forma de bom humor. Nesse caso, o trabalhador constrói um subterfúgio para manifestar seu sofrimento, sem que o mesmo apareça como tal. Essa estratégia parece evitar que ele sofra o destino do adoecimento. Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), afirmam que o sofrimento se encontra entre o funcionamento psíquico e mecanismo de defesas por um lado, e pressões organizacionais por outro, propondo então o que hoje é conhecido como “estratégias defensivas” (que podem ser individuais ou coletivas) adotadas pelos trabalhadores a fim de evitar a doença e preservar o equilíbrio psíquico.

Para Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), o homem está engajado em estratégias defensivas para lutar contra o sofrimento no trabalho. Leva suas exigências mentais consigo mesmo e precisa da cooperação de outros à sua volta para manter as defesas funcionando no momento de retornar ao trabalho. Isso explica todo o movimento da Psicodinâmica, que visa o sujeito normal e as suas relações no trabalho – não somente uma dada patologia, mas todo um processo de subjetivação. Nota-se que, um dos instrumentos usado pelos trabalhadores como meio de defesa contra o sofrimento do trabalho é encontrado no ambiente familiar.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para diagnosticar o supracitado, a investigação assumiu uma abordagem qualitativa que, segundo Martins e Theophilo (1991), privilegia de modo geral a análise dos micro-processos através do estudo das ações sociais individuais e grupais, possibilitando a realização de um exame intensivo dos dados, tanto em amplitude quanto em profundidade. Neste caso, o objetivo é a estreita aproximação dos dados, de fazê-los “falar” de forma mais completa possível, abrindo-se para a realidade, a fim de melhor apreendê-la e compreendê-la.

Dejours e Abdoucheli (1994) afirmam que o método apropriado para realizar a análise de elementos subjetivos da experiência humana tem de ser de cunho eminentemente qualitativo, uma vez que as vivências de sofrimento e prazer não são objetos quantificáveis. Isso porque, como ressalta Carpentier-Roy (1992 apud Dejours 1992), essa perspectiva metodológica não busca sintomas “objetivos”, mas, sim, o sentido, o decifrar das falas e atos, através dos quais os elementos subjetivos como o prazer e o sofrimento podem ser esclarecidos. Nosso intento foi realizar um mergulho aprofundado em um amplo conjunto de dados, necessitando para tanto de um referencial de coleta e interpretação desta natureza.

Participaram desta pesquisa oito professoras que lecionam em escolas públicas municipais. A idade das participantes variou entre 25 e 51 anos. Sendo que no intervalo de 25-35 tivemos a porcentagem de 50% e no intervalo de 40-51 também 50%. Em relação ao estado civil, 75% eram casadas, 12,5% solteira e 12,5% viúva. O grau de escolaridade variou entre magistério e nível superior completo, sendo que 75% têm o nível superior e 25% magistério. Nesta pesquisa, o tempo de serviço prestado no ofício da docência corresponde de 3 a 13 anos, sendo que as mais jovens geralmente possuem menos tempo de serviço e vice-versa. A porcentagem correspondente a 3 anos foi de 12,5%; 5 anos 12,5%; 6

anos 12,5% e 8 anos também 12,5%. Ficando 25% com 10 anos e mais 25% com 13 anos de serviço. Para coleta dos dados, o instrumento utilizado foi a entrevista individual com roteiro semi estruturado constituído de quatorze questões, que abarcaram desde dados pessoais, profissionais, até dados relativos ao trabalho. A entrevista é uma técnica muito eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano, tendo em vista que os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação. (GIL, 2007, p. 118). Os entrevistados falaram abertamente e com clareza as suas vivências de prazer, sofrimento e defesas ao desenvolverem sua docência.

A técnica de análise utilizada nesta pesquisa foi a análise de conteúdo. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo pode ser definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter (através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens), indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção destas mensagens. Assim, caracteriza-se como um método de tratamento da informação contida nas mensagens. (MACHADO, 2005, p. 54).

Pode-se imaginar que o resultado dessa análise temática poderia ser colocado em tabelas; mas, em lugar de números, as células da tabela conteriam as falas particulares dos sujeitos entrevistados. Em muitos casos, o simples levantamento dos temas abordados nas entrevistas é o objetivo da pesquisa (MACHADO, 2005, p. 55). Algumas vantagens de se utilizar o método é que pode lidar com grandes quantidades de dados além de fazer o uso principalmente de dados brutos que ocorrem naturalmente. Possui também um conjunto de procedimentos maduros e bem documentados e o pesquisador realiza a seleção, a criação de unidades e categorização de dados.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados foram organizados em três tópicos. Primeiramente, abordamos os elementos associados as vivências de sofrimento e prazer das professoras pesquisadas, em seguida, reunimos os dados relativos a importância do relacionamento interpessoal para o professor e por fim, discutimos a utilização de estratégias de enfrentamento no trabalho.

5.1 SOFRIMENTO E PRAZER NO TRABALHO DOCENTE

Freitas (2011) aborda que, em geral, os professores vivem cansados devido às muitas atividades que desempenham. Segundo ele, os professores são cercados por um arsenal de burocracias, tais como: diários, planos de aulas, fichas avaliativas, entre outros. Além do mais, elaboram provas, testes, fazem correções e projetos. O trabalho também os obriga a enfrentar a indisciplina dos alunos, e a se submeterem à violência na qualidade de vida e no trabalho docente.

No estudo realizado foi perceptível que na prática docente os professores consideram a escola não só como um local gerador de prazer, mas também de sofrimento. Isso faz com que alguns criem

um sistema de defesa para fugir das pressões oriundas no desenvolver de suas atividades docentes. A partir das entrevistas individuais foi possível identificar que o sofrimento e adoecimento são causados por vários fatores. As principais queixas e sintomas apontados pelas professoras são os problemas de audição pelo barulho do ambiente escolar, problemas na voz por dar aula o dia inteiro e o cansaço e hipertensão devido à sobrecarga de trabalho, tanto na escola quanto fora.

E1. *Meu problema de saúde é rouquidão. Pois trabalho com português e com literatura e devido ao número de aulas isso exige muito de mim.*

E2. *Tenho problema de pressão alta e audição, devido ao barulho do ambiente escolar. Fui ao médico e ele me disse que minha audição está um pouco prejudicada, com isso acabo falando alto.*

A esse respeito, cabe mencionar as concepções de Dejours e Abdoucheli (1994), sobre o sofrimento patogênico como vivências subjetivas que se encontram entre bem-estar psíquico e a doença mental descompensada. Para estes autores o sofrimento é inerente à vida humana, não podendo ser eliminado, mas apenas transformado. De acordo com Murta (2002), o sofrimento psíquico de professores deve ser tomado como expressão de um conflito por eles vivido no âmbito dessa profissão, situação que por sua vez, denuncia um mal-estar mais profundo e abrangente. Dejours (1988) afirma ser a docência uma profissão de sofrimento buscando verificar se as relações que o professor estabelece com seu trabalho afetam sua saúde física e mental.

A categoria carga de trabalho é utilizada por Laurell e Nogueira (1989) para representar os riscos encontrados no processo de trabalho, e engloba elementos deste processo que interatuam dinamicamente entre si e com o corpo do trabalhador. Assim, busca-se ressaltar, na análise do processo de trabalho, a forma como a carga de trabalho gera processos de adaptação que, se traduzem em desgaste - perda da capacidade potencial e/ou efetiva corporal e psíquica. A carga psíquica, considerada multidimensional, é uma função complexa e pessoal, com características da tarefa e do esforço investido para a realização da mesma, que depende de sua motivação e de outros fatores idiossincráticos. Nos depoimentos abaixo, pudemos identificar o processo de desgaste que ocorre no cotidiano do trabalho destas profissionais.

E1. *Só me sinto muito cansada em relação ao trabalho que é o dia inteiro toda semana sem nenhum dia de folga.*

E8. *Sinto-me cansada sim, meu descanso é sábado e domingo. Descanso em partes, pois sempre há trabalho pra fazer em casa.*

Verifica-se assim, que o trabalho tem trazido sofrimento às professoras de diversas maneiras, atingindo não apenas o aspecto físico como também o psíquico. Segundo Dejours (1993), quando o funcionamento psíquico não ocorre de forma equilibrada o corpo sente suas consequências tornando-se vulnerável às doenças, uma vez que o corpo se defende menos.

Aubert (1993 apud NEVES 1999, p.25), designa por stress profissional o processo de perturbação engendrado no indivíduo pela mobilização excessiva de sua energia. Lipp (2007) ressalta que o stress do

professor pode ter origem tanto fora como dentro da escola; a mesma autora afirma que esta doença é um estado geral de tensão também fisiológica e que tem uma relação direta com as demandas do ambiente. A psicossomática mostra que esta situação é perigosa não somente para o funcionamento psíquico, mas também para o corpo. (DEJOURS, 1993). Isto mostra que, quando alguém está em estado depressivo, seu corpo se defende insatisfatoriamente e doenças surgem com mais facilidades. Deste modo, surgem experiências desagradáveis, como estas citadas nas falas abaixo:

E7. Eu tive também um pouco de herpes que diz também que é um pouco de estresse, mas eu às vezes me estresso porque eu não trabalho só na escola; trabalho em casa, estudo também; então isso cansa.

Pode-se perceber também, como forma de sofrimento no trabalho das professoras, a indisciplina e a falta de interesse dos alunos, assim como a falta de acompanhamento dos pais. Todavia, os mesmos acabam cobrando dos professores as responsabilidades que lhes pertencem, o que faz com que estes caiam no processo de sofrimento.

Dejours (1987) aborda que a noção de sofrimento é central e implica um estado de luta do sujeito contra as forças que o estão empurrando em direção à doença mental. De fato, o trabalho tem trazido fortes implicações sobre o sofrimento psíquico, contribuindo para agravá-lo, conduzindo o trabalhador progressivamente à loucura. A subversão do sofrimento, transformando-o em algo criativo é uma das vias de acesso ao prazer. Assim, diante do quadro de sofrimento que são vivenciados pelos professores foi encontrado o sentido do prazer, não apenas por executarem seus trabalhos, mas, quando se sentem valorizadas e úteis para seus colegas, direção, alunos e pais. Esse sentimento está explícito nas falas das docentes entrevistadas:

E1. Há! Eu encontro prazer sim! Quando eu vejo que estou ajudando a outros a aprender.

E6. O que mais gosto no meu trabalho é quando me sinto útil para os colegas, para a direção, enfim com todos. Quando eu posso resolver alguma coisa para eles.

E3. Gosto do que faço, tenho prazer no que faço graças a Deus. Meu sonho sempre foi ser professora.

Vale ressaltar que no trabalho das docentes, se identificou algo além das boas aulas e das mais diversas e criativas atividades desenvolvidas nas salas: o sentido do trabalho se desenvolve no momento em que as docentes se sentem não só uma profissional que assume suas responsabilidades, mais também uma pessoa capaz de ajudar a outros. Segundo Hackman e Oldhan (1976), um trabalho que tem sentido é importante, útil e legítimo para aquele que o realiza e apresenta três características fundamentais: a variedade de tarefas; a identificação de todo o processo do trabalho; e o *feedback*¹ sobre seu desempenho nas atividades realizadas. O trabalho que faz sentido é feito de maneira eficiente e leva a algum objetivo, isto é, torna-se vital que o trabalho esteja organizado e gere um resultado útil.

Na perspectiva de Neves (1999), os elementos que levam ao prazer no trabalho das professoras, contribuem positivamente para a construção de uma profissão. Ligado a fonte de prazer também está o

¹O termo de origem inglesa *feedback*, já praticamente incorporado à língua portuguesa dado a sua ocorrência, se refere ao retorno que se tem de alguma atividade realizada.

reconhecimento que se relaciona diretamente à valorização do trabalho. Segundo Lipp (2007), quando o trabalho é desprovido de significação, não é reconhecido ou é uma fonte de ameaças à integridade física ou psíquica, acaba por determinar sofrimento ao trabalhador neste caso, ao professor. Vale ressaltar, que o reconhecimento citado pelas professoras em relação ao seu trabalho realizado, acontece por parte dos pais e alunos. Pode-se ver então a presença desse reconhecimento nas falas das professoras:

E1. *Sinto-me reconhecida sim. Pelos os pais que sempre demonstraram para mim que o meu trabalho é importante. Sempre vem aqui, conversamos, damos risadas, falamos dos filhos e eu me sinto reconhecida. Ah! Os meus meninos então! É um carinho só!*

E2. *Sinto-me reconhecida por meu trabalho, porque desde quando eu encontro pais que dizem assim: Ah! Foi fulana, uma amiga que me indicou você e disse que você trabalha bem. Não que eu esteja me elogiando, mas agente também tem se enunciar que é o nosso trabalho, e ouvir essas palavras boas me incentiva.*

Para Dejours (1999), o reconhecimento social no campo do trabalho não é atribuído diretamente às pessoas, mas sim ao fato, ou seja, o fazer do operador. Compreende-se que a apreciação do trabalho realizado pelas docentes é o reconhecimento mais importante para as mesmas.

E4. *O reconhecimento mais importante é o respeito e o valor dado ao trabalho realizado. Algo que eu gosto no meu trabalho é o reconhecimento por parte dos alunos, mesmo deixando de ser meus alunos quando me encontram fala comigo e me agradece.*

Em relação ao reconhecimento dos ex-alunos, dá-se a entender que houve tanto uma boa relação professor-aluno, como também um bom resultado no processo do ensino-aprendizagem. Isto denota que o aluno encontra-se satisfeito pelo ensino que lhe foi ministrado em tempos passados. Este fato é perceptível na fala que se segue:

E6. *Sou reconhecida pelos alunos, pelos pais, e pela comunidade. Sempre encontro com pais que me dizem eu queria que meu filho continuasse estudando com você.*

Segundo Dejours (1999), do reconhecimento depende (na verdade) o sentido do sofrimento. Logo, a forma possível de subverter esse sofrimento ocorre quando se dá sentido ao trabalho através do reconhecimento. Para Neves (1999), é o reconhecimento, cuja natureza tem forte componente simbólico, que possibilitará a construção por partes dos sujeitos do sentido no trabalho.

5.2 RELACIONAMENTO INTERPESSOAL

O relacionamento interpessoal é de suma importância para o bom desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. E esse foi um dos pontos muito relevantes citado pelas professoras.

E1. *Ab! As relações aqui na nossa escola não tenho nada de mal para falar. É ótima, um sempre ajuda ao outro.*

E3. *O relacionamento é muito bom, me dou bem com todos, pois sou muito aberta para diálogo.*

E4. *A relação interpessoal é boa, nos relacionamos bem com todos, mas há sempre algumas opiniões diferentes, mas também existe diálogo e sempre nos acertamos.*

Segundo Dejours e Abdoucheli (1994), é necessário que a organização do trabalho conte com espaços destinados a trocas e relações intersubjetivas entre os trabalhadores. Isso faz com que os docentes desenvolvam com mais eficácia seu trabalho, objetivando assim o melhor desempenho e êxito dos alunos.

O relacionamento sócio-afetivo prazeroso com os alunos parece estar também ligado a realização do trabalho das professoras, o que contribui para amenização do sofrimento no trabalho.

E1. *Algo que gosto muito é o contato com os alunos ao realizar meu trabalho.*

E2. *Gosto muito da convivência com os meus alunos.*

E3. *Gosto de envolver com todos os alunos.*

E4. *Para mim estar no meio de meus alunos é viver é esquecer dos problemas de casa.*

Vygotsky (1998), por sua vez, afirma que o ser humano se constrói nas suas relações e trocas com o outro e que é a qualidade dessas experiências interpessoais e de relacionamento que determinam o seu desenvolvimento, inclusive afetivo. Torna-se nítido a grande importância das relações entre os trabalhadores, como forma de melhor desenvolvimento e motivação para a realização de suas tarefas no trabalho.

5.3 ESTRATÉGIAS DE REGULAÇÃO NO TRABALHO DOCENTE

As estratégias defensivas desenvolvidas pelo trabalhador são necessárias para a continuação deste no trabalho e adaptação às pressões para evitar possíveis doenças. Contudo, elas (as estratégias defensivas) contribuem para estabilizar a relação subjetiva com a organização do trabalho. (Dejours, Abdoucheli, & Jayet, 1994).

Foi possível detectar o desenvolvimento de determinadas condutas estratégicas reguladoras do trabalho por parte de algumas professoras como resposta ao sofrimento que o trabalho nelas provoca, ou seja, estas adotam determinados procedimentos em sua atividade que possam lhes proporcionar alívio, fugindo das tensões e agitações.

E6. *Tento fugir das tensões do meu trabalho fazendo artesanato isso me faz bem, alivia as tensões, mas devido as atividade não tenho tido muito tempo, esse ano. Estava conversando com minha colega e disse pra ela que preciso a voltar a fazer artesanato, pois isso me faz distrair as tensões do trabalho.*

Neste contexto, os mecanismos de defesa ou as estratégias defensivas têm como principal objetivo camuflar o sofrimento existente, o que explica o fato de trabalhadores apresentarem características de normalidade aparente mesmo estando em processo de sofrimento psíquico (Dejours, 1992). O surgimento do sofrimento, que leva à criação de estratégias defensivas, está ligado à organização do trabalho, assim

como as pressões exercidas constantemente sobre o trabalhador, as pressões do ambiente de trabalho. Segundo Dejours e cols (1994), as estratégias se manifestam por meio de comportamentos próprios de cada indivíduo, pois cada um reage de maneira particular a cada situação dependendo da sua personalidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na conclusão desse estudo, foi possível identificar no cotidiano do trabalho das professoras, elementos que têm contribuído para o sofrimento, para o adoecimento, assim como para o prazer sentido pela realização da atividade. Verificamos situações desagradáveis e às vezes complicadas no ambiente escolar, que lhes causam tensões. Além da docência, elas também desenvolvem tarefas de casa, fazendo com que seu tempo seja todo ocupado, sem dia, nem hora para descanso.

Deste modo, foi possível detectar elementos que lhes causam sofrimento e adoecimento, como a indisciplina dos alunos, problemas de audição, causado pelo barulho, problemas na voz por acabar falando muito tempo; pressão alta e também doenças de herpes devido ao estresse do trabalho, que desenvolve dentro e fora do ambiente escolar.

É importante mencionar, os elementos causadores de prazer, encontrados nessa pesquisa. O trabalho reconhecido pelos pais e alunos, os relacionamentos com colegas, pais e alunos, como também o prazer por ser educador. Estratégias utilizadas pelas docentes, também foram encontradas, como, por exemplo, a fuga das tensões no momento em que se sentem muito apreensivas no ambiente escolar, através do desenvolvimento de outras atividades. Nesse sentido, faz-se necessário que aconteça uma mudança na organização e condições de trabalho, a fim de proporcionar melhorias à saúde do professor.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Vânia Hirle. Projeto de pesquisa. 2010. 01 f. Notas de aula.
- ALMEIDA, G. Pra que somar se agente pode dividir? Abordagens integradoras em saúde, trabalho e ambiente. Dissertação (mestrado em saúde publica) – Ensp/ Fiocruz, Rio de Janeiro, 2000.
- AUBERT, N. (1993). A neurose profissional. In J.F. Chanlat. (Org.). O indivíduo na organização (pp. 163-189). São Paulo: Atlas.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa, 1977.
- BRITO, J. ATHAYDE, M; NEVES, M. Y. (Orgs.). Programa de formação em saúde, gênero e trabalho nas escolas: caderno de método e procedimentos. João Pessoa: UFPB, 2003.
- BRITO, J; BARROS, M.E.; NEVES, M.;ATHAYDE, M.(orgs). Trabalhar na Escola? Só inventando o prazer. Rio de Janeiro: Edições, 2001.
- CANGUILHEM, G. o normal e o patológico. 3. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária,1990.
- CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativos e misto. Trad. Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

- DEJOURS, C. A Loucura do trabalho. São Paulo: Oboré; 1987.
- _____, C. O corpo entre a biologia e a psicanálise. Porto Alegre: Arte Médica, 1988.
- _____, C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- _____, C. Uma nova visão do sofrimento humano nas organizações. O indivíduo na organização: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1993.
- _____, C. A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- DEJOURS, C. & ABDOUCHELI, E. Itinerário Teórico em psicopatologia do Trabalho. In: Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.
- DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise de relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.
- DEJOURS, C.; CRU, D. Saberes de prudência nas profissões da construção civil: nova contribuição da psicologia do trabalho à análise da prevenção de acidentes na construção civil. Revista Brasileira de Saúde ocupacional, V 15, N° 59, P.30-34, Julh/Ago/set.,1987.
- FREITAS, Eduardo de. A situação do professor brasileiro. Disponível em: <HTTP://www.eduardor.br/brasilecola.com/trabalho-docente/ a situação professor brasileiro.htm.> acesso em: 7 abri.2011.
- FIGUEIREDO, Marcelo; ATHAYDE, M.; BRITO, J.; ALVAREZ D. Labirintos do trabalho. Rio de Janeiro: 2004.
- FREUD, Anna. Defesas e mecanismo de defesa. Disponível em: <www.ufrgs.br> Acessado em: 24 out 2010.
- GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Maria Sandhi; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas da pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- HACKMAN, J.R.; G. OLDHAM. Motivação através do trabalho de design: Teste de uma teoria, Comportamento Organizacional e Desempenho Humano 16, 250-79, 1976.
- KURY, Gama. Dicionário Gama Kury da Língua Portuguesa. São Paulo: FTD, 2002.
- LIPP, M. N. (org.). O stress do professor. 5 ed. Campinas: Papyrus, 2007.
- LAURELL A.C, NOGUEIRA, M. Processo de produção e saúde. São Paulo: Hucitec, 1989.
- MARTINS, G.A; THEOPHILO, C, R. Metodologia da investigação científica para ciências e investigação aplicada. São Paulo. Atlas, 2007.
- MACHADO, M.H. Gestão e ética no trabalho. Observatório de Recursos humanos em saúde. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br>. Acessado em: 03 de maio/2011.
- MACHADO, M. N. M. Uma metodologia para pesquisa do domínio social histórico. Memorandum, 9, 57-64, 2005.

MINAYO, M. C. de S. (org) O desafio do conhecimento – Pesquisa Quantitativa em Saúde. 8º ed. São Paulo. HUCITEC - ABRASCO, 2004.

MURTA, Cláudia. Magistério e sofrimento psíquico: contribuição para uma leitura psicanalítica da escola. On-line 2002. Disponível em: <www.proceedings.scielo.br> Acessado em:17 de abril/2011.

MURTA, S. M; GOODEY, B. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, S. M.; ALBANO, C. (Orgs.) Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasiliis, 2002.

NEVES, M. Y. Trabalho docente e saúde mental: a dor e a delícia de ser (estar) professora. 1999. 277 f. Tese (Doutorado em Ciências da Saúde) – Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Luciana de Souza Bispo. Saúde mental e trabalho: a realidade atual do docente. 2009. 57 f. Monografia (Licenciatura em pedagogia) Faculdade Adventista de Educação do Nordeste.

REVISTA BRASILEIRA DE SAÚDE OCUPACIONAL. São Paulo: Fundacentro, 1991-1999.

VASCONCELLOS, Celso S. Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 7. ed. São Paulo: Libertad,1996.

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.